

A UTILIZAÇÃO DE IMAGENS NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES SURDOS(AS) NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

SILVA, Eliane Maria da ¹
LUCINDO, Aline da Silva ²

INTRODUÇÃO

A educação dos surdos sempre foi fonte de discussões, especialmente, sobre qual seria a forma ideal de ensiná-los e, conseqüentemente, de eles aprenderem (STROBEL, 2009). Essa educação, partindo da visão da educação inclusiva brasileira, tem gerado vários debates, principalmente, por sua singularidade pedagógica e natureza linguística.

Os professores, mais especificamente das salas regulares, apresentam limitação no que tange ao conhecimento de estratégias de ensino que possam atender às demandas dos(as) estudantes surdos(as). Inclusive, muitos apresentam dificuldades com a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), sendo bastante limitada sua capacidade de comunicação. Diante disso, muitos sentem a necessidade de ir em busca de maneiras que atendam as especificidades dos estudantes surdos.

Considerando que o sentido sensorial humano mais utilizado pelos surdos é a visão, os recursos visuais passam a ser para eles algo primordial, que faz toda a diferença para a assimilação de tudo que está à sua volta e, conseqüentemente, facilitação da aprendizagem.

Recorrer apenas à abordagem oralista como base do ensino para pessoas surdas acaba por fragilizar a aprendizagem destas, sendo o ideal abrir-se para a educação bilíngue “considerando a identidade surda para a construção de um modelo pedagógico apropriado para o desenvolvimento deste indivíduo, respeitando sua cultura, promovendo o uso da língua de sinais e dando significado a uma segunda língua na educação dos surdos” (VERTUAN; SANTOS, 2019, p. 2).

¹ Especialista em Libras pela Faculdade de Educação São Luís. Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco/Campus Mata Norte. Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade de Pernambuco/Campus Mata Norte, eliane.msilva1@adm.educacao.gov.br;

² Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Internacional Uninter – UNINTER. Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional Uninter – UNINTER. Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa pela Faculdade Luso-Brasileira – FALUB, alinelucindoemec9@gmail.com.



Nesta perspectiva, o presente trabalho, tem por objetivo verificar em que medida os recursos visuais podem contribuir no processo de ensino-aprendizagem nas salas de aula regulares, bem como, detectar a(s) dificuldade(s) encontradas pelos docentes nas aulas em relação ao ensino de surdos e assim poder sugerir a utilização e como pode ser aplicado os recursos visuais para melhor assimilação dos estudantes nas aulas, facilitando também o processo de aprendizagem.

METODOLOGIA

A metodologia adotada foi inicialmente a pesquisa bibliográfica com trabalhos que têm relevância por terem conteúdos relacionados ao tema. Na sequência, a fim de ampliar a compreensão dos aspectos estudados na esfera empírica, foi elaborado um questionário (em versão on-line) a ser aplicado com docentes que atuam no Ensino Fundamental II e que tiveram ou tem a experiência de ensinar estudantes surdos.

O questionário não foi aplicado em uma escola específica, mas sim a alguns professores que atuam na rede municipal de ensino do município de Carpina/PE. O questionário foi encaminhado à dez professores, contudo, apenas sete responderam. O instrumento foi composto por quatro questões, a saber: 1 - Você é professor ou professora?; 2 - Na sua formação acadêmica, você teve alguma disciplina que lhe orientasse a como trabalhar com surdos?; 3 - No período em que você ensinou estudante(s) surdo(s), qual sua maior dificuldade em lecionar?; 4 - Você costuma utilizar recursos visuais nas suas aulas?.

Para analisar os dados obtidos, recorreu-se à análise de conteúdo que visa compreender os sentidos produzidos a partir das comunicações.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para entendermos melhor a atualidade da Educação de Surdos, se faz necessário buscarmos na história todo o processo, os detalhes para chegar ao que temos hoje. Nesta perspectiva, será apontado registro histórico das idades Antiga, Média, Moderna e Contemporânea.

Na Idade Antiga, a fala era considerada algo importante, por isso para a sociedade grega, os surdos nem eram considerados seres humanos. Heródoto, que era filósofo grego, defendia a tese que “os surdos são seres castigados pelos deuses, e isso acontecia pelo fato dos seus pais terem pecado e defendia a ideia da impossibilidade de os surdos serem educados.” (SANTANA, 2009, p. 07). Nesta mesma linha de raciocínio, Aristóteles



afirma que “o ouvido é o órgão mais importante para a educação.” (SANTANA, 2009, p. 07). O que mais uma vez coloca o surdo como uma pessoa incapaz, logo não é possível que ele aprenda algo (LACERDA, 1998).

Entrando na Idade Média, a Igreja Católica era o poder que mais influenciava na sociedade. Ela interferia nas decisões políticas, econômicas, sociais e religiosas, e como instituição religiosa e com grande poder, excluía como podia a pessoa surda, pois se fomos criados à imagem e semelhança de Deus, como está na Bíblia, Deus é perfeito, portanto não tem defeitos. E se os surdos eram pessoas, na concepção da igreja, defeituosas, logo não eram de Deus.

Com a Idade Moderna surgiram alguns avanços no que diz respeito ao conhecimento sobre os surdos (LACERDA, 1998; STROBEL, 2009). Nesse período, o italiano Girolamo Cardano, astrólogo, matemático e médico percebeu, com base nos seus estudos, que “o surdo poderia ser ensinado a partir da escrita, visto que ela representa o som da fala ou das ideias de pensamento.” (SANTANA, 2009, p. 09)

Porém, foi com Charles-Michel de L’Epée que defendeu, pela primeira vez, a utilização da Língua de Sinais que serviria, por sua vez, para a comunicação tanto dos surdos quanto para os ouvintes e assim poder ter interação na Comunidade Surda. L’Epée não só aprendeu a Língua de Sinais como também foi responsável por criar “a primeira instituição educacional pública para Surdos-mudos, tinha como nome Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris.” (SANTANA, 2009, p. 10). Por estes motivos, L’Epée ficou conhecido como o “pai dos surdos”.

E, por fim, chegamos à Idade Contemporânea, a partir daí houve avanços e, em alguns períodos, infelizmente, alguns retrocessos para o Povo Surdo. No ano de 1880, houve um grande retrocesso para o povo surdo. Isso porque com o II Congresso Mundial de Surdos-mudos (termo utilizado na época), em Milão, ficou decidido que a partir dele, nenhum surdo poderia usar a Língua de Sinais para se comunicar, apenas o oralismo.

Só a partir dos anos de 1970, quase um século depois do II Congresso, foi que a Língua de Sinais passou a ser, novamente, utilizada. E os surdos, por sua vez, estavam livres para usá-la em qualquer lugar e também poderiam usar, simultaneamente, a língua oral e de sinais e essa metodologia também era conhecida como Comunicação Total.

Após todos esses momentos históricos, e a luta do Povo e Comunidade Surdas, existe na atualidade o Bilinguismo. Nessa forma de educação dos surdos, compreende-se que a pessoa surda tem direito a aprender a Língua de Sinais, como primeira língua, e a língua do país de origem, como segunda língua. Na escola, ao se estimular o bilinguismo



como estratégia mais apropriada no ensino da pessoa surda, a utilização de recursos imagéticos surge como um potente auxiliar nesse processo.

Zanellato e Silva (s/d) afirmam que a utilização de forma adequada dos recursos didáticos visuais por parte dos professores pode favorecer a aprendizagem mais significativa na construção de sentidos pelos surdos e ampliar suas possibilidades de desenvolvimento. De tal maneira, fica evidente a importância do uso das imagens para os estudantes surdos e o quanto isso pode influenciar na efetivação da sua aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os desafios da Educação Inclusiva, a formação docente é sempre um dos mais mencionados. Para garantir a efetivação da educação inclusiva a formação docente é fundamental. A legislação acerca da formação básica de professores orienta que devem ser contemplados em componentes curriculares específicos conteúdos acerca da educação inclusiva, bem como devem aparecer de forma transversal em todo o currículo.

Por consequência de uma formação enfraquecida no quesito de saber mais sobre como os surdos aprendem, derivam-se outras dificuldades. De acordo com as falas dos participantes, podemos nomear ao menos três grandes dificuldades: 1. Interação e problemas na comunicação; 2. Verificação de Aprendizagem; e 3. Dificuldade na mediação dos conteúdos.

No que diz respeito à utilização de recursos visuais nas aulas, apesar de todos sinalizarem que o fazem, para a maioria que respondeu ao questionário, essa prática não é frequente. As estratégias visuais são valiosas no ensino da língua portuguesa para surdos, sendo assim, vídeos, imagens, figuras, precisam estar presentes no planejamento do professor, além da utilização de expressões faciais e corporais que devem ser explorados e incorporados nos discursos que circulam no ambiente escolar.

Diante desse cenário, surgiu a ideia de apresentar no presente estudo, ideias concretas de como utilizar o recurso imagético para trabalhar os conteúdos do currículo escolar com pessoas surdas.

PLANO DE AULA 1 – CIÊNCIAS DA NATUREZA (BIOLOGIA)

Tema: Interações ecológicas entre os seres vivos

Turma: 7º ano – Fundamental II

Duração: 2 aulas de 50'

Objetivo: Identificar o que são interações ecológicas, seus tipos e como ocorrem.



Recursos didáticos: filme, projetor, imagens com exemplos de interações ecológicas, quadro branco, lápis para quadro branco, intérprete de Libras.

Metodologia aplicada: exposição do filme com legenda e ajuda do intérprete de Libras; disponibilização de imagens apresentando várias interações ecológicas e relacionando-as ao tema da aula e do filme; discussão sobre o tema exposto.

Avaliação: participação dos estudantes na aula.

PLANO DE AULA 2 – LINGUAGENS (PORTUGUÊS)

Tema: Interpretação de texto

Turma: 6º ano – Fundamental II

Duração: 1 aula de 50'

Objetivo: Conseguir interpretar um texto a partir de leitura de imagem.

Recursos didáticos: Textos com imagens relacionadas a ele, quadro branco, lápis para quadro branco, intérprete de Libras.

Metodologia aplicada: Entrega de textos com imagens em que os estudantes, em duplas, possam a partir delas ler e interpretar o texto; auxílio do intérprete de Libras na atividade; discussão sobre a atividade proposta.

Avaliação: participação dos estudantes na aula e atividade para fixação do conteúdo.

PLANO DE AULA 3 - MATEMÁTICA

Tema: Figuras geométricas

Turma: 6º ano

Duração: 1 aula de 50'

Objetivo: Identificar as figuras geométricas dos objetos a partir

Recursos didáticos: projetor, imagens das figuras geométricas, intérprete de Libras, folha de atividade com imagens de figuras geométricas.

Metodologia aplicada: Exposição do conteúdo, entrega da folha com figuras geométricas para que, depois da exposição do conteúdo, eles possam identificar na atividade as figuras, bem como possam procurar objetos na sala de aula que tenham formatos das figuras geométricas vistas; discussão sobre a atividade proposta.

Avaliação: participação dos estudantes na aula.



Com base nos exemplos expostos acima, é possível perceber que não é necessário muito recurso para que se possa realizar uma atividade utilizando imagens. Considerando também que tudo o que podemos enxergar e que nossa mente possa criar é uma imagem, podemos utilizar a própria sala de aula, a escola, a comunidade em que o estudante está inserido, pedir para ele imaginar algo, por exemplo, como forma de utilização de imagens e assim, a partir da vivência e/ou experiência do estudante, facilitar o processo de ensino e aprendizagem dele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi exposto, fica evidente que é necessário a adoção de novas práticas pedagógicas que possam atender a um público que por muitos anos foi excluído e ainda hoje luta por inclusão e efetivação de direitos.

Identificar as preocupações e dificuldades dos professores diante deste cenário, possibilita ao docente saber se as práticas pedagógicas estão sendo satisfatórias para o aprendizado dos estudantes surdos. Pois não se trata só de reproduzir conteúdos, mas tornar seres conscientes, capazes de atuar de forma ativa no meio em que está inserido.

Portanto, apesar das lutas diárias do Povo e da Comunidade Surda na Educação de Surdos, percebe-se o quanto também foi possível desenvolver a educação da Pessoa Surda, porém ainda existem obstáculos a serem superados.

Palavras-chave: Educação de Surdos, Anos Finais do Ensino Fundamental, Ensino e Aprendizagem, Recursos Visuais.

REFERÊNCIAS

LACERDA, Cristina Bróglia Feitosa. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 19, n. 46, p. 68–80, 1998.

SANTANA, Pollyana. **História da educação de surdos**. Recife: [s.n.], 2009.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009.

VERTUAN, Greice de Souza; SANTOS, Lara Ferreira dos. **O ensino de química para alunos surdos: uma revisão sistemática**. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 32, p. 1–20, 2019.

ZANELATO, Daniela; SILVA, Elaine Cristina Paixão da. **O uso de recursos visuais na educação de surdos**. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, [s.d.].

